

REVISTA ARTE, CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Homepage: <https://ojs.unicet.edu.br/react>
ISSN: 2674-9157

Artigo de Revisão

USO INDISCRIMINADO DE ANTIMICROBIANOS E O PAPEL DO FARMACÊUTICO NO CONTROLE DA AUTOMEDICAÇÃO: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

INDISCRIMINATE USE OF ANTIMICROBIALS AND THE PHARMACIST'S ROLE IN CONTROLLING SELF-MEDICATION: AN INTEGRATIVE REVIEW

ADELZIRA CARLA SILVA BENIGNO¹, POLLYANA SANTOS DE OLIVEIRA², MARIA DAS GRAÇAS PRIANTI³

RESUMO

A descoberta dos antimicrobianos abriu portas ao tratamento de diversas doenças infecciosas. Nesse sentido, medicamentos começaram a ser produzidos em larga escala e consumidos pela população global. Com isso, o farmacêutico é um profissional capaz de desenvolver estratégias que reduzem o uso indiscriminado de antimicrobianos. O objetivo do estudo é analisar as evidências, na literatura científica, sobre o uso indiscriminado de antimicrobianos e as intervenções farmacêuticas no controle da automedicação. O estudo conduzido a partir de uma revisão integrativa da literatura, de artigos publicados em português, inglês e espanhol, entre os de 2021 e 2025. O processo de seleção de artigos resultou em 10 artigos sendo que 80% estão indexados na base da Science Direct. Três publicações de 2024 e três publicações de 2025, além de 2 publicações de 2022. Quanto ao tipo de estudo desenvolvido, a maioria (60%) é de estudos transversais. Foram registrados 2 estudos ecológicos, 1 estudo qualitativo e 1 estudo de intervenção. Concluiu-se que a automedicação por antimicrobianos é uma prática comum, em todo o mundo, principalmente em países mais pobres. As penicilinas foram descritas como a classe de antimicrobianos mais utilizadas pelas pessoas. Desse modo, existe a necessidade de novos estudos que reforcem as práticas farmacêuticas, com intervenções que promovam a educação em saúde.

PLAVRAS-CHAVE: Antimicrobianos; Automedicação; Farmacêutico; Resistência Bacteriana.

ABSTRACT

The discovery of antimicrobials opened doors to the treatment of various infectious diseases. In this sense, medications began to be produced on a large scale and consumed by the global population. Therefore, pharmacists are professionals capable of developing strategies that reduce the indiscriminate use of antimicrobials. The objective of this study is to analyze the evidence in the scientific literature on the indiscriminate use of antimicrobials and pharmaceutical interventions in controlling self-medication. The study was conducted through an integrative literature review of articles published in Portuguese, English, and Spanish between 2021 and 2025. The article selection process resulted in 10 articles, 80% of which are indexed in the Science Direct database. Three publications were from 2024 and three from 2025, in addition to two publications from 2022. Regarding the type of study developed, the majority (60%) are cross-sectional studies. Two ecological studies, one qualitative study, and one intervention study were recorded. It was concluded that self-medication with antimicrobials is a common practice worldwide, especially in poorer countries. Penicillins were described as the most commonly used class of antimicrobials. Therefore, there is a need for further studies that reinforce pharmaceutical practices, with interventions that promote health education.

Keywords: Antimicrobials; Self-medication; Pharmaceutical; Bacterial Resistance.

¹ Acadêmica do Curso de Farmácia, UniCET, Teresina, Piauí, Brasil. <https://orcid.org/0009-0005-7484-6206>

² Acadêmica do Curso de Farmácia, UniCET, Teresina, Piauí, Brasil. <https://orcid.org/0009-0007-3671-7985>

³ Doutora em Fisiopatologia Experimental. Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. <https://orcid.org/0009-0008-7983-4011>

INTRODUÇÃO

A descoberta dos antimicrobianos, na década de 1920 representou uma revolução para a medicina, pois abriu portas ao tratamento de diversas doenças infecciosas, responsáveis por muitos óbitos, em todo o mundo. Alexander Fleming, um médico escocês, isolou em uma placa de Petri, um fungo conhecido como *Penicillium notatum*, onde suas toxinas exerceram atividade antimicrobiana, sendo o precursor da penicilina. Desde então, antimicrobianos de diversas classes foram sintetizados e encontram-se, no mercado em diferentes apresentações (Puresa; Carvalho, 2023).

Muitas doenças infecciosas, de origem bacteriana, existem desde o início da civilização humana, mas nunca havia sido descoberto um tratamento eficaz, que pudesse evitar sequelas ou morte de pessoas. Nesse sentido, ao desvendar o efeito dos antimicrobianos e como eles atuam no organismo humano, para combater microrganismos, medicamentos começaram a ser produzidos em larga escala e consumidos pela população global. Por outro lado, o consumo irracional desses medicamentos ficou cada vez mais comum, se tornando uma cultura de usualidade em qualquer processo patológico. Acontece que o acesso a esses fármacos era livre, sem que houvesse gerenciamento de venda ou dispensação (Rocha *et al.*, 2024).

O acesso a antimicrobianos ficou mais restrito, no Brasil, desde a criação da RDC Nº 471/2021, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), que dispõe sobre a prescrição, dispensação, controle, rotulagem e embalagem de medicamentos à base de antimicrobianos. Seja em farmácias privadas ou públicas, os antibióticos só podem ser dispensados, mediante retenção da receita médica, a fim de manter o controle e evitar o uso irracional desses medicamentos (Brasil, 2021).

O uso inadequado de medicamentos, principalmente de antimicrobianos representa um risco à saúde das pessoas, pois os microrganismos desenvolvem mecanismos de resistência ao fármaco, criando quadros de infecção mais severos. Esses aspectos são muito mais observados, no ambiente hospitalar, onde os testes de eficácia de antimicrobianos são feitos, com administração direta no paciente. Isso pode estar relacionado, com a automedicação, que é uma prática bastante comum, principalmente entre os profissionais de saúde. Pode-se observar a falta de orientação médica e ausência de ações educativas que promovam o uso racional desses fármacos (Miranda; Vieira; Souza, 2022).

Existe, no Brasil, uma cultura de automedicação, bem como de indicações de uso, feitas de uma pessoa para outra, sem que haja nenhuma orientação médica. Esse fator se agrava quando se trata de profissionais de saúde, que muitas vezes tem acesso facilitado a fármacos, como antimicrobianos e outras drogas, o que facilita o uso e a obtenção. As prescrições incorretas ou a ausência delas é um aspecto importante que contribui para o uso irracional de antimicrobianos. Entre profissionais de saúde, a prescrição é quase sempre inexistente, o que aumenta o uso inadequado, ou mesmo, o acesso à receita é facilitado (Paula; Campos; Souza, 2021).

A promoção do uso racional de medicamentos ainda é bastante deficiente, no Brasil. Em se tratando de antimicrobianos, é ainda mais difícil manter o controle e as ações de vigilância não conseguem atuar em todos os cenários de automedicação ou de prescrições inadequadas. A prática médica, a publicidade feita sobre o uso de medicamentos e as práticas inadequadas de autocuidado são fatores que influenciam no uso irracional de antimicrobianos. Os quadros de resistência multi-bacteriana são cada vez mais comuns, principalmente no ambiente hospitalar (Pereira; Andrade; Abreu, 2021).

As ações de controle da automedicação devem ser desenvolvidas por profissionais habilitados, que possuam competência técnica, para desenvolver ações de vigilância, bem como educação em saúde. O farmacêutico é um profissional capaz de desenvolver estratégias que reduzem o uso indiscriminado de antimicrobianos, pois sua formação o torna apto a entender os mecanismos de ação dos fármacos, bem como sua ação sobre o organismo e sobre os microrganismos causadores das infecções. Entretanto, os desafios dizem respeito à mudança de cultura das pessoas e à facilidade no acesso a medicamentos, no país (Garcia; Comarella, 2021).

O uso de antimicrobianos é uma prática comum entre a população brasileira, principalmente, entre a população com menos acesso à informação, pelo fácil acesso que algumas farmácias proporcionam. Ressalta-se a importância de avaliar os riscos ocasionados pela automedicação e como isso pode interferir na saúde das pessoas. Com isso, o objetivo do estudo é analisar as evidências, na literatura científica, sobre o uso indiscriminado de antimicrobianos e as intervenções farmacêuticas no controle da automedicação.

MATERIAIS E MÉTODOS

Tipo de Estudo

O estudo foi conduzido por meio de uma revisão integrativa da literatura que, segundo Sousa *et al.* (2017) permite desenvolver um estudo a partir da identificação do tema, formulando hipóteses e questionamentos, definido critérios de inclusão e exclusão, além de permitir a formulação de estratégias para a elaboração de níveis de evidência científica.

Critérios de inclusão e de exclusão

Foram incluídos artigos publicados em português, inglês ou espanhol, entre o período de janeiro de 2021 a julho de 2025, que tratavam do uso indiscriminado de antimicrobianos.

Foram excluídos da pesquisa, artigos de revisão, dissertações, teses, monografias, bem como artigos de opinião e artigos indisponíveis ou de texto incompleto.

Análise dos Dados

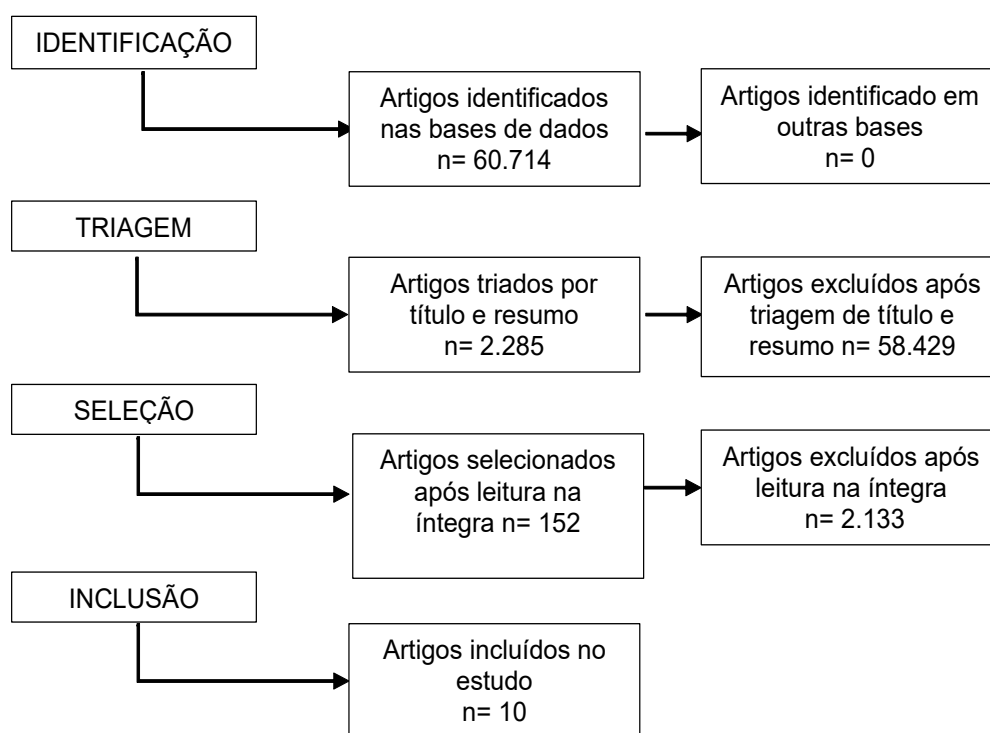
O processo de seleção foi organizado em fluxograma, no formato PRISMA (Page *et al.*, 2023), o qual detalha as etapas de obtenção dos artigos, aumentando a acurácia da seleção. Os artigos triados por meio da leitura do título e resumo e considerados elegíveis ao estudo foram analisados em texto completo, para garantir maior acurácia de evidências.

Os artigos incluídos, na revisão, estão dispostos em tabela, contendo informações referentes à autoria, ano de publicação, tipo de estudo e resultados. Esses dados são base para a categorização dos estudos, a partir da discussão, conforme as evidências encontradas na literatura.

RESULTADOS

A seleção de artigos está detalhada no fluxograma PRISMA, exibido na figura 1, o qual apresenta etapas de identificação, triagem, seleção e inclusão.

FIGURA 1. PRISMA – Fluxograma de seleção de artigos



FONTE: Dados da Pesquisa. 2025

O processo de seleção de artigos resultou em 10 artigos, sendo que a maioria (80%) foi obtida na base da Science Direct. Apenas 1 artigos foi obtido na LILACS e 1 artigo oriundo da MEDLINE. Para a identificação dos artigos incluídos na revisão, o quadro 1 dispõe as informações relacionadas ao título da pesquisa, autor e ano de publicação, delineamento do estudo, objetivos e resultados de pesquisa.

Título	Autor/ano de publicação	Tipo da pesquisa	Objetivos	Resultados
A national survey of the antibiotic use, self medication practices, and knowledge of antibiotic resistance among graduates of tertiary	Popoola <i>et al.</i> (2024)	Estudo transversal	Avaliar o uso de antibióticos e o conhecimento sobre a resistência antimicrobiana entre graduados do ensino superior na Nigéria e avaliar se o ensino superior, a formação acadêmica (ciências, ciências sociais ou	Os resultados mostram que 47,7% dos entrevistados se automedicam com antibióticos, 54,9% dos entrevistados não realizam exames laboratoriais antes de usar antibióticos e 70,1% reduzem ou

institutions in Nigeria			artes) e os anos após a graduação impactam significativamente o uso de antibióticos e a conscientização sobre a resistência antimicrobiana.	interrompem o uso de antibióticos ao se sentirem melhor. O uso inadequado de antibióticos para infecções virais, como dor de garganta, resfriado e gripe, e diarreia foi relatado em 50,2%, 42,6% e 40,2% dos entrevistados, respectivamente.
Antibiotics self-medication practices among health care professionals in selected public hospitals of Addis Ababa, Ethiopia	Kassa <i>et al.</i> (2022)	Estudo transversal	Avaliar as práticas de automedicação com antibióticos entre profissionais de saúde em hospitais selecionados de Addis Abeba, Etiópia.	A prevalência de automedicação com antibióticos entre profissionais de saúde em um período de referência de um mês foi de 72 (22,7%). Os principais motivos relatados para essa prática foram o conhecimento das opções de tratamento, 31 (43,1%), e a necessidade de alívio rápido, 25 (34,7%). Problemas respiratórios, 29 (40,3%), e problemas gastrointestinais, 28 (38,9%), foram as doenças mais comuns para as quais a automedicação com antibióticos foi praticada, sendo as penicilinas, 30 (41,6%), e as fluoroquinolonas, 29 (40,3%), os dois antibióticos mais comumente usados para esses problemas.
Antimicrobial Consumption in Latin American Countries: First Steps of a Long Road Ahead	Marin <i>et al.</i> (2022)	Estudo ecológico	Avaliar a estimativa dos países do seu consumo nacional de antimicrobianos de acordo com a metodologia da OMS.	O consumo total de antimicrobianos foi altamente variável (variação de 1,91 a 36,26 Doses/100 hab). A penicilina foi o grupo mais consumido em

				todos os países, exceto no Paraguai, enquanto os macrolídeos e lincosamidas ficaram em segundo lugar. Em termos de tipo de antimicrobiano, de acordo com a classificação WHO-AWaRe, constatou-se que, para certos grupos, como o de "Reserva", existem semelhanças entre todos os países.
Antimicrobial consumption surveillance in Uganda: Results from na analysis of national import data for the human health sector, 2018–2021	Murungi <i>et al.</i> (2023)	Estudo transversal	Determinar o consumo nacional de todos os antimicrobianos com base em dados de importação.	Em 2021, a dose diária definida (DDD) média por 1000 habitantes foi de 29,02 para todos os antimicrobianos; 80,7% dos antimicrobianos consumidos foram administrados por via oral. As penicilinas (27,6%) foram a classe de antimicrobianos mais consumida, seguidas pelas sulfonamidas e trimetoprima (15,5%). Com base na classificação de antibióticos de Acesso, Vigilância e Reserva (AWaRe) da OMS, 62,91% do consumo médio de antimicrobianos (CMA) pertencia à classe de acesso, com a classe de vigilância representando uma média de 14,51% no período de 2018 a 2021. O CMA da classe de vigilância aumentou drasticamente em 2021 (34,2%) durante

				a pandemia de COVID-19, em comparação com 2020 (24,29%). Azitromicina e ciprofloxacina foram os antimicrobianos da classe de vigilância mais consumidos em 2021.
Dispensing of antibiotics without prescription in community drug retail outlets of Bahir Dar city in Northwest Ethiopia: A simulated client visit before and after educational intervention	Tekle <i>et al.</i> (2025)	Estudo de intervenção	Avaliar a eficácia de uma intervenção educativa para farmacêuticos na redução da venda de antibióticos sem receita médica.	A intervenção resultou em melhorias significativas em: redução da venda de antibióticos sem receita em farmácias comunitárias (55% (pré-intervenção) vs. 20% (pós-intervenção)), aumento da solicitação de receita médica (35% vs. 75%), exigência de que o antibiótico seja dispensado com receita médica (33,3% vs. 68,7%) e redução da dispensação de antibiótico no nível 1 de demanda (50% vs. 25%).
Pharmaceutical Interventions in Self-Medication, Focus on Requests in Dentistry: A Descriptive Study in Community Pharmacies in the Auvergne Region, France	Bedhomme <i>et al.</i> (2025)	Estudo transversal	Caracterizar, entre os medicamentos coletados durante um determinado período, aqueles relacionados à dor dentária associada a um processo infeccioso ou inflamatório.	O estudo gerou a maior incidência de prescrição foi o ibuprofeno (66,8%, n=169). Os principais motivos para a prescrição foram contraindicação devido ao estado fisiopatológico (36%, n=90) e necessidade de consulta, pois a queixa não podia ser resolvida na farmácia (32%, n=81). Após a prescrição, o farmacêutico ofereceu uma alternativa em 45% dos casos (n=192) ou uma segunda consulta com

				o dentista (43%; n=182). Essa solução foi aceita por 91% (n=230) dos pacientes que receberam o medicamento.
Prevalence of antibiotic self-medication and knowledge of antimicrobial resistance among community members in Neno District rural Malawi: A cross-sectional study	Limwado <i>et al.</i> (2024)	Estudo transversal	Investigar a prevalência da automedicação com antibióticos e avaliar o conhecimento sobre resistência a antibióticos entre membros da comunidade no distrito de Neno, zona rural do Malawi.	Dos 531 participantes e 39 farmacêuticos, 71,1% usavam antibióticos, sendo que 69,5% se automedicaram nos últimos 6 meses, a conveniência (31,5%) e a confiança (26,7%) os principais motivos. Os sintomas mais comuns foram a tosse (29,9%), dor de garganta (28,6%) e dores musculares (28,6%). Amoxicilina (61,1%) e cotrimoxazol (29,6%) foram os mais utilizados.
Resistencia antimicrobiana en Escherichia coli aislada de urocultivos	Illescas e Merchan (2021)	Estudo transversal	Determinar a resistência de antimicrobianos em E. coli isolada de urocultivos, durante janeiro - julho de 2019, em pacientes que assistiu ao laboratório clínico Neolab.	Observou-se resistência à amoxicilina em 55,15% dos casos, ao ácido nalidíxico em 50,91%, ao trimetoprim-sulfametoxazol em 46,67% e à ciprofloxacina em 26,67%. Maior resistência foi evidente em mulheres aos β -lactâmicos, quinolonas, sulfonamidas e macrolídeos. O maior número de pacientes foi de adultos (54,4%) e idosos (25,3%).
The private market for antimicrobials: an exploration of two selected mining and	Cox <i>et al.</i> (2024)	Estudo qualitativo	Identificar os desafios que podem aumentar a resistência dos patógenos aos medicamentos antimicrobianos, explorando o mercado	Os medicamentos essenciais enfrentavam baixa e insegura disponibilidade, e as prescrições frequentemente

frontier areas of Guyana			privado de antimicrobianos em duas áreas selecionadas de mineração e de fronteira da Guiana.	divergiam dos diagnósticos. Um terço dos antibióticos adquiridos apresentava alto potencial de resistência antimicrobiana, de acordo com a classificação AWaRe da Organização Mundial da Saúde. O alto preço reduziu a intenção declarada de concluir o tratamento entre aqueles que possuíam prescrição médica, enquanto a compra do medicamento em uma farmácia licenciada aumentou essa intenção.
Trends in antimicrobial consumption: long-term impact of the COVID-19 pandemic	Tsuzuki <i>et al.</i> (2025)	Estudo ecológico	Confirmar a tendência de diminuição previamente relatada no consumo de antimicrobianos em 2020 em nível global e determinar a possível existência de outra tendência global, demonstrando um aumento reverso no consumo de antimicrobianos após a diminuição de 2020.	Nos dados do sistema de informação, 68 dos 69 países apresentaram mais de um ponto de mudança entre 2016 e 2023. Desses 68 países, 61 experimentaram uma diminuição no consumo de antimicrobianos após o início da pandemia de COVID-19. No entanto, 53 desses 61 países mostraram uma tendência inversa de aumento no consumo de antimicrobianos em 2022. A análise de séries temporais interrompidas revelou que as restrições de circulação tiveram um impacto negativo no consumo de antimicrobianos em todos os países do G7.

FONTE: Dados da Pesquisa. 2025.

DISCUSSÃO

O levantamento dos dados dos artigos incluídos neste estudo aponta que houve registro de 3 publicações de 2024 e três publicações de 2025, além de 2 publicações de 2022. Os anos de 2021 e 2023 apresentaram 1 publicação, cada. Quanto ao tipo de estudo desenvolvido, a maioria (60%) é de estudos transversais. Foram registrados 2 estudos ecológicos, 1 estudo qualitativo e 1 estudo de intervenção.

Na análise dos objetivos de pesquisa, foi abordada a automedicação por antimicrobianos e sua implicação no processo de resistência bacteriana, avaliação das práticas de automedicação, prevalência de automedicação, determinação da resistência a antimicrobianos e práticas de intervenção por farmacêuticos para o controle da automedicação.

Em um estudo desenvolvido em 163 aldeias do sudeste da África verificou-se que de 531 participantes e 39 farmacêuticos, 71,1% relataram o uso de antibióticos, sendo que 69,5% se automedicaram nos últimos 6 meses. Entre antimicrobianos mais utilizados, a amoxicilina teve destaque, com (61,1%) e o cotrimoxazol (29,6%). Além disso, 53,1% dos participantes reutilizaram sobras de antibióticos de unidades de saúde, sendo que grande parte destes eram funcionários desses serviços. Isso leva à urgente necessidade de esforços implementação de políticas públicas de controle da comercialização, bem como da conscientização dos riscos do uso indiscriminado de antimicrobianos (Limwado et al. 2024).

A deficiência de informação e a falta de conscientização das pessoas acerca dos riscos da automedicação, com antimicrobianos leva à resistência bacteriana por muitas classes desses medicamentos. Tekle et al. (2025) destaca em seu estudo que as intervenções educativas devem ser direcionadas, não apenas ao consumidor, mas aos farmacistas que comercializam antimicrobianos sem receita médica. Antes da intervenção educativa em 40 estabelecimentos 55% vendiam sem receita médica e após a intervenção, reduziu para 20%. Houve um aumento de 75% nas solicitações de receita, como também, aumento de 68,7% na insistência da receita médica.

A automedicação pode ocorrer com qualquer tipo de medicamento, mas em destaque aos antimicrobianos, algumas classes são mais comuns e possuem alta prevalência de uso. Em um estudo, com 936 pacientes foram analisadas 330

amostras, as quais possuíam contaminação por *E. coli*. No teste de sensibilidade foi observado 55,15% para amoxicilina, 50,91% para Ácido Nalidíxico, 46,67% para sulfametoxazol+trimetoprima e 26,67% para ciprofloxacina, sendo uma prevalência maior para o sexo feminino. Com isso, os resultados apontam para um uso empírico desses medicamentos, uma vez que a automedicação é facilitada pela venda sem prescrição médica (Illescas; Merchan, 2021).

As ações de vigilância são importantes para o controle da automedicação, uma vez que definem os parâmetros de prescrição, comercialização e dispensação de medicamentos, principalmente os antimicrobianos. Nesse sentido, Murungi et al. (2023) destaca em sua pesquisa sobre a dose diária definida por 1000 habitantes, em Uganda, no ano de 2021 foi de 29,02 para antimicrobianos, sendo que as penicilinas representaram 27,6% destes, seguida das sulfonamidas e trimetoprima, com 15,5%. O maior consumo foi para medicamentos por via oral, sendo 80,7% do total. Essas evidências apontam para a necessidade constante de monitoramento do consumo e comércio de antimicrobianos.

Em estudo semelhante, na Nigéria, com 537 estudantes de ensino superior, foram avaliados o uso frequente e o conhecimento sobre resistência antimicrobiana dos participantes. A avaliação do uso de antibióticos pelos entrevistados revelou que 71,5% usaram antibióticos nos últimos três meses. Além disso, pouco menos da metade (47,7%) de todos os entrevistados admitiu comprar antimicrobianos sem receita médica, colocando como principais motivos, o acesso limitado a médicos e profissionais de saúde, bem como baixo poder aquisitivo. Apesar do conhecimento dos entrevistados sobre os riscos da automedicação, a prevalência para esta prática foi alta (Popoola et al., 2024).

A pandemia de COVID-19 exerceu um grande impacto no modo de vida das pessoas e em como lidam com sua saúde. Tsuzuki et al. (2025) avaliou o consumo de antimicrobianos durante a pandemia, em 69 países. Foi evidenciado que o consumo de antimicrobianos teve pontos de mudança em 68 países, dos quais 61 mostraram diminuição nesse consumo. Entretanto, 53 desses 61 países experimentaram o aumento no consumo de antimicrobianos a partir de 2022. Em tese, a diminuição global do consumo de antimicrobianos em 2020 pode não estar associada, diretamente, à pandemia, mas uma mudança no estilo de vida e comportamento das pessoas, no que se refere aos antimicrobianos.

É evidente que o mercado privado é o maior responsável pelo aumento no uso de antimicrobianos. Com isso, os riscos de desenvolvimento de resistência microbiana aumentam na população, como aponta um estudo realizado, na Guiana. Segundo dados da pesquisa, houve diminuição na oferta de medicamentos essenciais, aumento de receitas com desvio de finalidade e aumento no consumo de antibióticos. Ficou evidente a necessidade de rever as políticas de combate à comercialização desqualificada de antimicrobianos, além de estabelecer ações educativas direcionadas aos comerciantes e clientes (Cox et al., 2024).

As intervenções farmacêuticas no controle da automedicação ajudam a reduzir os riscos de intoxicação medicamentosa, problemas relacionados a medicamentos e resistência bacteriana. Entretanto, a automedicação é uma prática cada vez mais comum entre as pessoas (Bedhomme et al., 2025). Para tanto, Marin et al. (2022) destaca um alto consumo de antimicrobianos, em países da América Latina, principalmente para a classe das penicilinas. Essas evidências confirmam que o consumo de antimicrobianos tem se tornado cada vez mais comum, em todo o mundo, oferecendo mais riscos à saúde do que propriamente, tratar.

Vale destacar que a automedicação com antimicrobianos não é uma prática exclusiva da população comum. Existem diferentes profissionais de saúde que se utilizam da facilidade de obtenção, para ter acesso a esses medicamentos, como aponta o estudo de Kassa et al. (2022). De um total de 317 profissionais de saúde, a automedicação esteve presente em 22,7% dos participantes. E mais uma vez as penicilinas têm maior prevalência de consumo. Torna-se necessária a participação do farmacêutico em todos os estabelecimentos que comercializam, dispensam e prescrevem antimicrobianos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As evidências encontradas na literatura levam à conclusão de que a automedicação por antimicrobianos é uma prática comum, em todo o mundo, principalmente em países mais pobres, onde o acesso à educação e informação é quase inexistente. As penicilinas foram descritas como a classe de antimicrobianos mais utilizadas pelas pessoas. Além disso, destaca-se evidências unânimes de que a resistência aos antimicrobianos é um grave problema de saúde pública.

As ações farmacêuticas no combate à automedicação foi destaca como essencial, para reduzir a comercialização de antimicrobianos, bem como capacitar os comerciantes, na venda e recolhimento das receitas com prescrições desses fármacos. Salienta-se que a venda de antibióticos sem receita médica é comum em diversas partes do mundo e que o uso é feito, majoritariamente, por via oral. Desse modo, existe a necessidade de novos estudos que reforcem as práticas farmacêuticas, com intervenções que promovam a educação em saúde e melhoria das ações de controle da comercialização, uso e prescrição de antimicrobianos.

REFERÊNCIAS

BEDHOMME, S. et al. Pharmaceutical Interventions in Self-Medication, Focus on Requests in Dentistry: A Descriptive Study in Community Pharmacies in the Auvergne Region, France. **International Dental Journal**, p. 100935, 2025.

BRASIL, Ministério da Saúde – Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). **Resolução RDC Nº 471**. Brasília, 2021. Disponível em: https://www.cff.org.br/userfiles/RDC%20471_21%20ANTIMICROBIANOS.pdf. Acesso em: 23 abr. 2025.

COX, H. et al. The private market for antimicrobials: an exploration of two selected mining and frontier areas of Guyana. **Revista Panamericana de Salud Pública**, v. 48, p. e109, 2024.

GARCIA, J. V. A. S.; COMARELLA, L. O uso indiscriminado de antibióticos e as resistências bacterianas. **Saúde e Desenvolvimento**, v. 10, n. 18, p. 78-87, 2021.

ILLESCAS, T. A. P.; MERCHAN, J. D. G. Resistencia antimicrobiana en Escherichia coli aislada de urocultivos. **Vive Revista de Salud**, v. 4, n. 12, p. 87-99, 2021.

KASSA, T. et al. Antibiotics self-medication practices among health care professionals in selected public hospitals of Addis Ababa, Ethiopia. **Heliyon**, v. 8, n. 1, 2022.

LIMWADO, G. D. et al. Prevalence of antibiotic self-medication and knowledge of antimicrobial resistance among community members in Neno District rural Malawi: A cross-sectional study. **IJD regions**, v. 13, p. 100444, 2024.

MARIN, G. H. et al. Antimicrobial consumption in Latin American countries: first steps of a long road ahead. **Journal of primary care & community health**, v. 13, p. 21501319221082346, 2022.

MIRANDA, I. C. S.; VIEIRA, R. M. S.; SOUZA, T. F. M. P. Consequências do uso inadequado de antibióticos: uma revisão de literatura. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 7, p. e58411730225-e58411730225, 2022.

MURUNGI, M. et al. Antimicrobial consumption surveillance in Uganda: results from an analysis of national import data for the human health sector, 2018–2021. **Journal of Infection and Public Health**, v. 16, p. 45-51, 2023.

PAGE, M. J. et al. A declaração PRISMA 2020: diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. **Revista panamericana de salud publica**, v. 46, p. e112, 2023.

PAULA, C. C. S.; CAMPOS, R. B. F.; DE SOUZA, Maria C. R. F.. Uso irracional de medicamentos: uma perspectiva cultural. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 3, p. 21660-21676, 2021.

MURUNGI, M. et al. Antimicrobial consumption surveillance in Uganda: results from an analysis of national import data for the human health sector, 2018–2021. **Journal of Infection and Public Health**, v. 16, p. 45-51, 2023.

PAGE, M. J. et al. A declaração PRISMA 2020: diretriz atualizada para relatar revisões sistemáticas. **Revista panamericana de salud publica**, v. 46, p. e112, 2023.

PAULA, C. C. S.; CAMPOS, R. B. F.; DE SOUZA, Maria C. R. F.. Uso irracional de medicamentos: uma perspectiva cultural. **Brazilian Journal of Development**, v. 7, n. 3, p. 21660-21676, 2021.

PEREIRA, T. J.; DE ANDRADE, L. G.; ABREU, T. P. O farmacêutico frente ao risco do uso irracional de antibióticos. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 7, n. 9, p. 483-501, 2021.

POPOOLA, O. O. et al. A national survey of the antibiotic use, self-medication practices, and knowledge of antibiotic resistance among graduates of tertiary institutions in Nigeria. **Scientific African**, v. 23, p. e01978, 2024.

PURESA, T. S.; CARVALHO, F. L. Os efeitos do uso irracional dos antibióticos. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 11, p. 863-880, 2023.

ROCHA, J. M. R. et al. Uso irracional de antibióticos e a resistência bacteriana no tratamento de doenças infecciosas negligenciadas: uma revisão de literatura. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 6, n. 6, p. 470-490, 2024.

SOUSA, L. M. M. et al. A metodologia de revisão integrativa da literatura em enfermagem. **Revista investigação em enfermagem**, v. 21, n. 2, p. 17-26, 2017.

TEKLE, M. T. et al. Dispensing of antibiotics without prescription in community drug retail outlets of Bahir Dar city in Northwest Ethiopia: A simulated client visit before and after educational intervention. **Journal of Global Antimicrobial Resistance**, 2025.

TSUZUKI, S. et al. Trends in antimicrobial consumption: long-term impact of the COVID-19 pandemic. **Clinical Microbiology and Infection**, v. 31, n. 4, p. 594-599, 2025.